

Agenda Econômica[Relatório Focus - BACEN](#)[IPC-S segunda semana de junho - FGV](#)ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE **ETENE****Análise e Perspectiva****Produção Industrial Nordestina em abril: interrupção no ritmo de redução da queda**

“... A fabricação de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis, a metalurgia, os minerais não metálicos e a indústria extrativa, importantes produtos de base na determinação do potencial de crescimento econômico, foram os setores nordestinos mais atingidos, no acumulado de 12 meses até abril. A fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias representou o grande contrapeso, com resultado positivo no período”

O nível de atividade industrial na Região Nordeste aumentou 0,6% em abril, frente a março de 2017, acompanhando a média nacional (0,6%) que registrou o primeiro resultado positivo desde o início do ano. Na comparação com abril de 2016, se acentuou a retração na Região (-4,4%) que seguiu o recuo nacional (-4,5%), inclusive em termos proporcionais. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física – Regional, do IBGE.

O indicador acumulado para os quatro primeiros meses do ano de 2017, frente a igual período do ano anterior, foi menos favorável para a Região (-2,9%) do que para o País (-0,7%). Contudo, este resultado se inverte quando se observa a taxa de crescimento acumulada dos últimos 12 meses (taxa anualizada), tendo como base igual período imediatamente anterior, pois a retração da atividade industrial se mostra mais acentuada no Brasil (-3,6%) do que no Nordeste (-2,7%), embora a primeira venha gradativamente se aproximando da segunda, diante de sua maior velocidade de reação (Gráfico 1).

Observa-se no Gráfico 1 que, desde a segunda metade do ano de 2016, as taxas anualizadas negativas vêm se reduzindo, embora de forma mais acentuada no País do que na Região. Porém, para abril, após 7 meses (desde setembro de 2016) de desaceleração da queda, a taxa anualizada nordestina (-2,7%) ficou menor do que a registrada no mês anterior (-2,5%), interrompendo a trajetória ascendente.

Vale ressaltar que não se deve confundir a desaceleração das taxas negativas da produção industrial com a recuperação da referida atividade. Na verdade, as sucessivas quedas na produção representam o aprofundamento da retração da indústria, na medida em que o nível de atividade tem diminuído a partir de patamares já bastante reduzidos. Portanto, o que vem

ocorrendo é um contínuo distanciamento entre o atual nível de produção industrial e aquele já alcançado anteriormente. Desta forma, os dados apresentados no Gráfico 1 referem-se ao fato de que, embora caindo, o ritmo de queda tem sido menor, o que pode evoluir, em algum momento, para uma taxa positiva e, apenas neste momento, poder-se-á apontar para o início de um processo de recuperação do setor. Esta possibilidade, contudo, se mostrou mais distante para o caso do Nordeste, a partir dos resultados do mês de abril.

O pior desempenho industrial identificado pela taxa anualizada **nordestina**, na passagem do mês de março para abril, reflete, em maior medida, o agravamento dos recuos nos estados do **Ceará** (de -2,7 para -3,0%) e **Bahia** (de -7,8% para -8,4%), neste último, o pior resultado para o período em análise (Gráfico 2). Mas deve-se considerar também o freio observado na indústria pernambucana que se mostrou praticamente estável em relação ao resultado do mês anterior (de -1,2% para -1,1%).

O Estado do **Ceará** que vinha mostrando comportamento relativamente regular, melhorando continuamente as taxas negativas da produção industrial, interrompeu esta sequência e recuou mais intensamente em abril (-3,0%), tendo em conta o período acumulado de 12 meses (Gráfico 2). Na comparação a igual mês do ano anterior, a indústria cearense produziu 5,9% a menos (pior resultado desde outubro de 2016, nesta base de comparação) e, quanto ao primeiro quadrimestre, caiu 2,9%, frente ao mesmo período de 2016 (segundo pior resultado nacional, superando apenas a Bahia, -8,2%). Estes resultados interromperam a trajetória de tendência à recuperação da atividade industrial cearense, Gráfico 2.

Análise e Perspectivas

Produção Industrial Nordestina em abril: interrupção no ritmo de redução da queda

Pernambuco, praticamente durante todo o ano de 2016, apresentou um nível de queda relativamente estável e elevado, conforme indica a taxa anualizada, diminuindo o ritmo apenas a partir de dezembro de 2016 (-9,4%). Desde então, vem se mostrando como o estado com perspectiva de recuperação mais acelerada. No mês de abril, contudo, houve um freio no ritmo e esta taxa se mostrou estável (-1,1%), se comparado ao nível do mês anterior (-1,2%), conforme Gráfico 2. Este arrefecimento reflete a queda de 7,2% na taxa de abril (terceiro pior resultado nacional), apesar do crescimento no quadrimestre (2,3%), ambos frente a iguais períodos de 2016.

A **Bahia** tem apresentado um comportamento irregular, demonstrando, no geral, uma trajetória de aceleração das perdas na atividade industrial, desde dezembro de 2016 (-5,1%). Esta tendência foi levemente interrompida pela taxa anualizada de março (-7,8%), para voltar a se acentuar no mês de abril (-8,4%), como mostra o Gráfico 2. Abril foi um mês difícil também para a indústria baiana, com queda de 8,0%, ante abril de 2016 (segundo pior resultado do País, ficando à frente apenas de São Paulo, -8,1%) e taxa de -8,2% para o quadrimestre, frente a igual período do ano anterior (pior desempenho nacional).

No **Nordeste**, a taxa anualizada de abril de 2017 (-2,7%) refletiu a queda na produção em nove das quinze atividades pesquisadas pelo IBGE. Merecem destaque a fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-11,8%); a metalurgia (-13,8%); produtos de minerais não metálicos (-13,1%); e indústria extrativa (-3,8%). Registraram aumento, a fabricação de bebidas (0,8%), preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (4,2%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (2,1%) e fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (22,6%). Mantiveram o mesmo nível de produção, a indústria alimentícia, embora tenha sido a única com resultado positivo nos três estados divulgados pela pesquisa, e a de outros produtos químicos.

A taxa anualizada no **Ceará** (-3,0%) apontou crescimento em quatro das onze atividades pesquisadas no período (Gráfico 3): produtos alimentícios (2,4%); produtos têxteis (17,8%); preparação e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (3,8%); e outros produtos químicos (10,7%). Os recuos se deram em bebidas (-14,6%); produtos de metal (-35,3%); confecção de artigos do vestuário e acessórios (-7,9%); produtos de minerais não-metálicos (-13,2%); coque, produtos derivados do petróleo

e biocombustíveis (-8,2%); metalurgia (-12,3%) e máquinas e aparelhos e materiais elétricos (-4,8%).

Em **Pernambuco** (-1,1%), quatro das doze atividades assinalaram aumento na produção na taxa anualizada (Gráfico 3). Destacaram-se: produtos alimentícios (2,4%); bebidas (2,3%); produtos de metal (8,0%) máquinas, aparelhos e materiais elétricos (9,7%). Os setores que atingiram mais negativamente a média do Estado foram: produtos de minerais não-metálicos (-20,7%); fabricação de produtos têxteis (-26,2%); metalurgia (-4,7%) e outros equipamentos de transporte (-3,5%).

Na **Bahia** (-8,4%), cinco dos doze setores pesquisados registraram aumento na produção, na taxa anualizada (Gráfico 3). Destacaram-se veículos automotores, reboques e carrocerias (10,3%); couro, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (11,8%); outros produtos químicos (1,9%); produtos alimentícios (2,3%) e bebidas (7,0%). Os principais impactos negativos foram em coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-21,4%); metalurgia (-20,0%); indústrias extrativas (-22,0%) e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-43,9%).

Os resultados de abril, indicando interrupção no ritmo de redução da queda, apontam que a crise no setor industrial ainda é uma realidade no País e no Nordeste. A fabricação de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis, a metalurgia, os minerais não metálicos e a indústria extrativa, importantes produtos de base na determinação do potencial de crescimento econômico, foram os setores nordestinos mais atingidos, no acumulado de 12 meses até abril. A fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias representou o grande contrapeso, com resultado positivo no período.

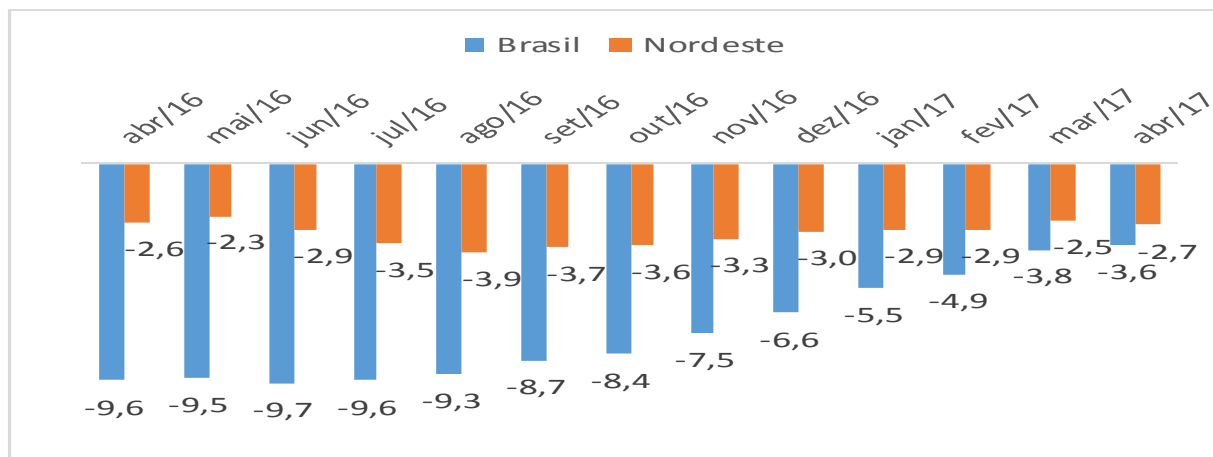
Além da recessão econômica, o grande número de feriados e a usual queda na produção industrial, já esperada no mês de abril, foram apontados como causas da atual reversão no ritmo de atividade do setor. Resta a expectativa de que, no mês de maio, possa ser retomada a trajetória ascendente em busca da recuperação.

Autora: Liliane Cordeiro Barroso, Economista. Célula de Estudos e Pesquisa Macroeconômicas, Banco do Nordeste/ETENE.

Análise e Perspectivas

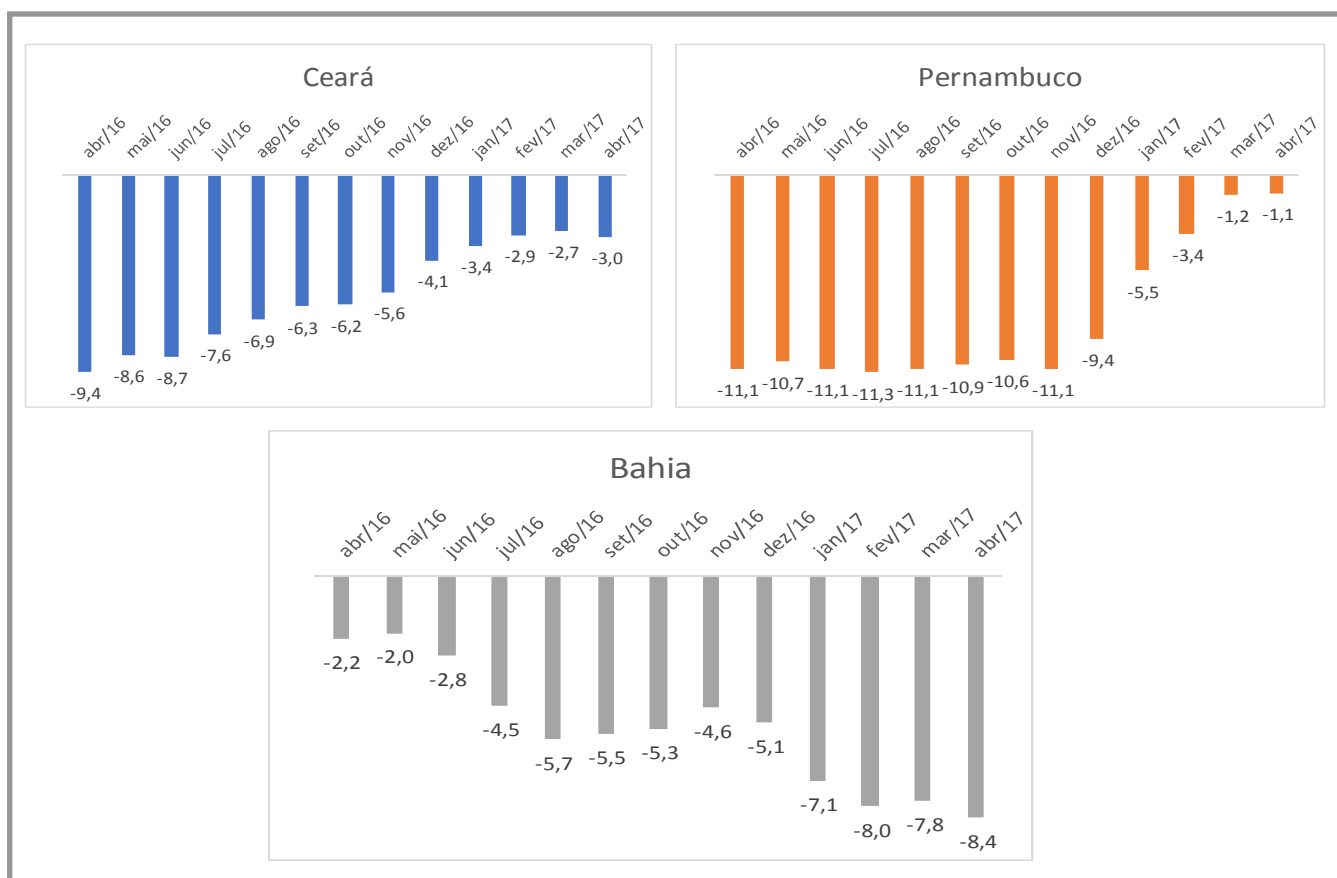
Produção Industrial Nordestina em abril: interrupção no ritmo de redução da queda

Gráfico 1 - Produção Industrial: taxa de crescimento acumulada dos últimos 12 meses (%) - Brasil e Nordeste – Abril/2016 a Abril/ 2017 (Base: igual período anterior)



Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Gráfico 2 - Produção Industrial: taxa de crescimento acumulada dos últimos 12 meses (%) – Ceará, Pernambuco e Bahia – Abril/2016 a Abril/2017 (Base: igual período anterior)

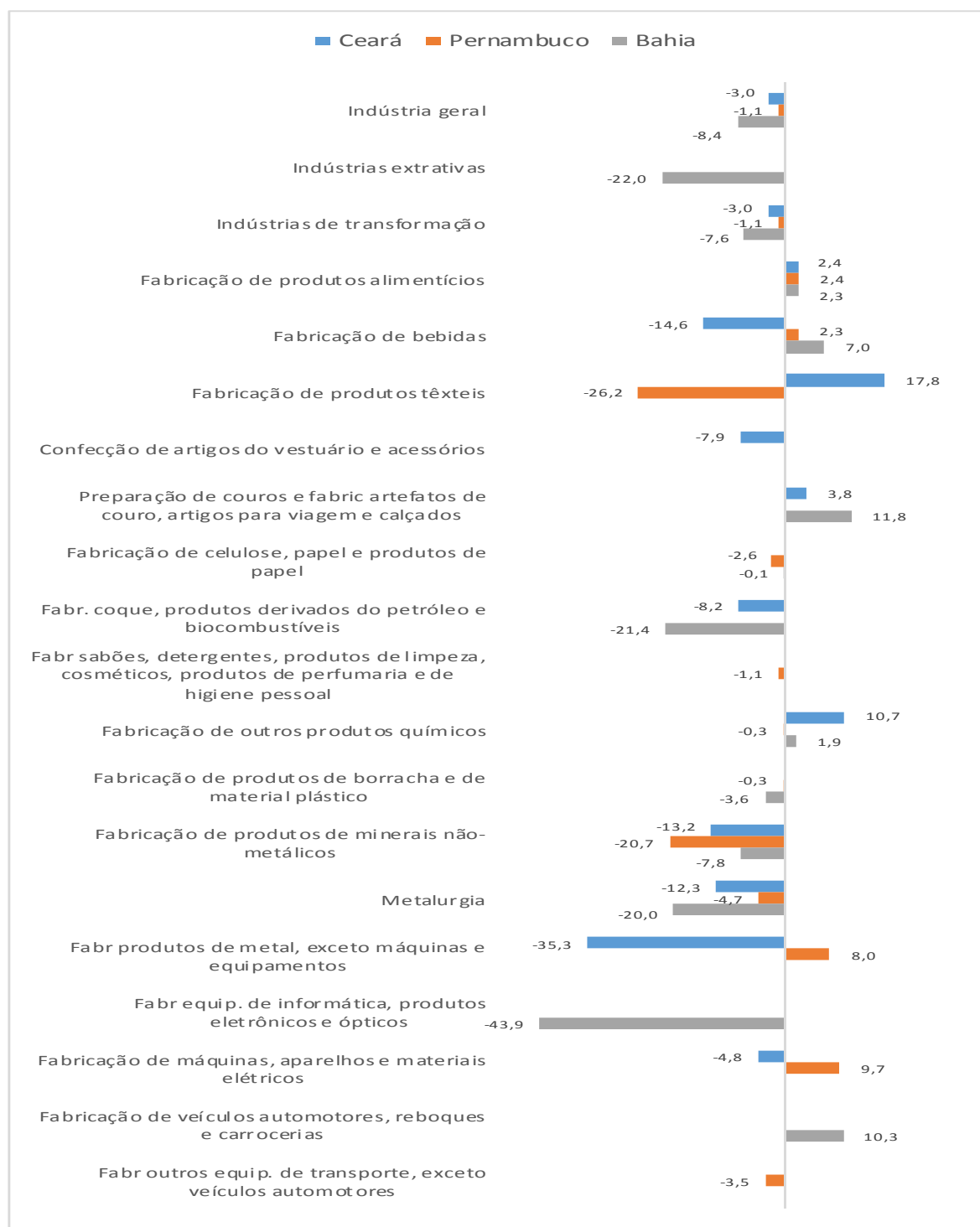


Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Análise e Perspectivas

Produção Industrial Nordestina em abril: interrupção no ritmo de redução da queda

Gráfico 3 - Produção Industrial por seções e atividades industriais: taxa de crescimento acumulada dos últimos 12 meses (%) – Ceará, Pernambuco e Bahia – Abril de 2017 (Base: igual período anterior)



Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airon Saboya Valente Junior.

Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire e Liliane Cordeiro Barroso. Projeto Gráfico: Ronildo Sampaio Cardoso. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: Rodrigo Fernandes Ribeiro. Jovem Aprendiz: Anderson Acioly da Silva.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.